



**Figura 11 - Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG) : em destaque, curral, cocheira e casa de bezerros**

Autor: GOBBI, W.A. de O./fev.2005



**Figura 12 – Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG): em destaque, trituradeira**

Autor: GOBBI, W.A. de O./fev.2005

Quanto ao barracão de leite (Figura 10), constatamos sua existência em 34,8% das propriedades. O trator, embora não seja empregado diretamente para a produção de leite, é significativamente utilizado pelos produtores, pois 26,1% possuem tal equipamento na propriedade. O silo, ou seja, as instalações para fazer silagem encontram-se nas 69,6% propriedades entrevistadas. Um número razoável de produtores, que embora, em sua maioria, não sejam especializados, preocupa-se em complementar a alimentação do rebanho (Figura 10).

A casa de bezerros é encontrada em 8,7% das propriedades, e a ordenhadeira mecânica, por sua vez, está presente apenas em 4,3% das propriedades (Figura 10). Quanto ao tanque de expansão (Figura 13), este é um equipamento usado por mais da metade dos produtores entrevistados (52,1%), que possuem este equipamento em suas propriedades.



**Figura 13 – Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG): tanque de expansão**

Autor: GOBBI, W.A. de O./fev.2005

A respeito das aquisições de equipamentos, como ordenhadeiras mecânicas e tanques de expansão, Stevanato (2002, p. 80) ressalta que

[...] a granelização força de certa forma à homogeneização da linha de coleta, assim como obriga a ter melhores condições de higiene após a retirada do leite do tanque, pois se o tanque não for lavado corretamente, o leite da coleta seguinte pode ser contaminado.

Conforme podemos observar no quadro 18, o preço da granelização é alto, e mesmo o menor tanque de expansão (230 litros) não tem um preço acessível aos recursos financeiros dos pequenos produtores, que recebem até R\$ 0,50 (0,20 centavos de dólar) por litro de leite. A solução que nos parece viável é o tanque comunitário, que possibilitaria aos produtores atenderem às exigências e continuarem a produzir leite.

#### **Quadro 18 – Preços de tanque de expansão – 2005**

<b>Capacidade do tanque (litros)</b>	<b>Preço (R\$)</b>	<b>Preço (US dólar)<sup>27</sup></b>	<b>Preço em litros de leite*</b>
230	5.950,00	2.428,57	11.900
350	8.100,00	3.306,12	16.200
500	9.210,00	3.759,18	18.420
750	10.190,00	4.159,18	20.380
1.000	10.950,00	4.469,38	21.900
1.500	16.550,00	6.755,10	33.100
2.000	17.620,00	7.191,83	35.240

Fonte: Reafrio, 2005

Org. GOBBI, W.A. de O./2005

\* Valor calculado com base no preço médio do litro de leite pago ao produtor em agosto de 2005 (R\$0,50).

Para reforçar a importância do tanque de expansão, alega-se que o leite não resfriado, transportado em latões, provoca um crescimento acelerado de bactérias, o que se agrava com a

<sup>27</sup> Dólar comercial em 17/08/05 = R\$ 2,45. Disponível em: <<http://www.bb.com.br>> (Banco do Brasil). Acesso em: 17 ago. 2005.

falta de manejo higiênico do gado e dos utensílios utilizados na ordenha e com o tempo em que o leite é transportado até os laticínios.

Com a granelização, a coleta poder ser realizada a cada dois dias, fator que diminui o custo do transporte, e também é possível carregar maior volume de leite num único caminhão e em tempo menor.

É igualmente importante ressaltar que as pressões imediatas, que exigem dos produtores ter o tanque de expansão, não foram plenamente atendidas, e, devido à dificuldade dos produtores em atenderem tal exigência, a vigência da Portaria que regulamenta esta imposição já foi adiada algumas vezes. Nesse contexto, julgamos que ao invés de se cobrar uma modernização a qualquer custo, deveriam ser criadas condições para que grande parte dos produtores, que hoje se vê excluída, continuasse a ser integrante importante da cadeia produtiva do leite.

#### **4.5 – Relações de trabalho do grupo familiar**

Na Comunidade da Canoa predomina o uso da mão-de-obra do grupo familiar na realização das atividades nas propriedades pesquisadas. As propriedades maiores (representadas pelos segmentos produtivos: Produção Integrada Agricultura/Pecuária, Produção Leiteira, Cana-de-Açúcar) recorrem, freqüentemente, à prestação de serviços de terceiros, os chamados trabalhadores temporários, fixos, e aos empreiteiros, serviços prestados anualmente.

Os produtores de leite lançam mão de fontes suplementares de mão-de-obra pela prática de trocar dias de serviços e da *demão*, no período da seca e na época de fazer silagem para o gado, sendo que, na maior parte do ano, os membros da família auxiliam nas atividades da propriedade (Tabela 23).

**Tabela 23 – Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG) : participação dos membros da família nas atividades da propriedade (%) – 2005**

<b>Membros da família</b>	<b>N.º de produtores</b>	<b>(%)</b>
Esposa	11	42,3
Filhos	08	30,8
Outros parentes	07	26,9
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo/fev. 2005.

Org. GOBBI, W.A. de O./2005

Constatamos que a família é a base da produção/reprodução do grupo familiar. Porém a contratação de mão-de-obra, pelo pagamento diário ou a troca de dias de serviços, e, ainda, a *demão* fazem parte dos meios para reduzir as necessidades de produção da agricultura familiar. Entre os produtores pesquisados, 26,9% prestam serviços em outras propriedades como diaristas. Esta é uma das estratégias encontradas pelos pequenos produtores de leite para complementar sua renda.

Geralmente, enquanto os pais podem contar com seus filhos jovens para ajudar nos serviços, demandados pelas explorações, eles, esporadicamente, precisam de mão-de-obra extra familiar. Os filhos, a partir de oito ou dez anos, começam a ajudar seus pais. Os filhos acompanham os pais nas atividades na propriedade (trabalham com o gado, plantio, colheita e serviços de manutenção). As filhas ajudam as mães nos serviços domésticos da casa, cuidando das criações, irmãos mais novos, horta e também os pais com o gado. Os pais que possuem filhos ainda pequenos (com idade inferior a oito anos), ou cujos filhos se casaram, precisam recorrer aos trabalhadores temporários. Toda a família depende da renda auferida pela propriedade.

Em algumas propriedades, é constante a presença de trabalhadores extra-familiar praticamente o ano todo. É comum o pagamento diário, outras vezes, o acerto é feito aos sábados.

Eles trabalham oito horas por dia, não possuem carteira assinada, direito a férias remuneradas e ao décimo terceiro salário.

Essas relações de trabalho são utilizadas, principalmente, para o plantio, colheita e limpeza de roças. A *demão* é praticada aos sábados, enquanto a troca de serviços depende da disponibilidade dos trabalhadores.

A *demão* seria um ajuda a “fundo perdido”, e a troca de serviços constitui-se numa compra, em que o pagamento é o compromisso de prestação de serviços. Alguns dos produtores que trocam serviços participam das chamadas *demão*, e a maioria dos produtores que troca serviço, também, vende serviços (trabalho temporário). Essas relações culturais de trabalho constituem um momento de socialização entre os produtores, permitindo atender às necessidades produtivas.

Os produtores que compram serviços não têm condições de executar sozinhos o trabalho demandado pela sua propriedade, não tendo, assim, disponibilidade para trocar serviços. As propriedades dotadas de maiores recursos tecnológicos não recorrem às relações de trabalho assentadas em vínculos pessoais e culturais. Devem-se considerar as diferenças quanto à disponibilidade de terra e recursos entre os proprietários da Comunidade, para compreender suas estratégias de reprodução.

As diferenças entre os produtores da Comunidade, quanto à disponibilidade de terras e recursos e a opção produtiva, condicionam suas estratégias de produção familiar.

#### **4.6 – Condições de assistência técnica**

Os produtores de leite no Brasil enfrentam vários obstáculos, sejam referentes ao baixo preço pago pelo leite, à falta de incentivos governamentais, e de um modo geral, verifica-se que

não há vontade política para transformar tal situação, de forma a permitir a continuidade dos pequenos produtores na atividade.

Conforme já salientamos, os produtores têm que conviver com duas estações: a das águas (novembro a maio), em que a produção é alta, e das secas, quando a produção chega a cair pela metade. Tanto este problema, como o fato dos produtores, muitas vezes, não saberem o que fazer quando um animal fica doente, ou como melhorar o seu rebanho, além de outras situações que ocorrem na propriedade, podem ser resolvidos com medidas paliativas e até mesmo solucionadas quando esses produtores têm acesso à assistência técnica.

No município de Ituiutaba, essa assistência aos produtores de leite é prestada pela EMATER em algumas comunidades, além de ser proporcionada por alguns laticínios e segmentos particulares. Entretanto, cabe destacar que, diante de tantas alternativas, há produtores no município em estudo, principalmente os pequenos, que não recebem qualquer forma de assistência, os quais se vêem completamente abandonados, pois os laticínios pagam pouco pelo leite entregue, quando já não deixam de coletar o leite desse produtor, por não contarem com uma estrutura adequada, o que é alegado pelos laticínios e legitimado pelo governo, por meio de medidas como a Portaria 56. Ao descrever a portaria, Dürr; Antoni; Tomazi (2005, p. 61) assim se expressam:

[...] desde a publicação pelo MAPA da antiga Portaria 56/1999 para consulta pública (posteriormente publicada como IN 51/2002), muito esforço tem sido feito para aumentar a consciência do produtor rural sobre os conceitos básicos de qualidade do leite, especialmente no que se relaciona a obtenção, refrigeração e transporte do leite cru. Ou seja, a qualidade do leite tornou-se um tema permanente para o setor primário, o que provavelmente causou impacto na percepção do produtor sobre a qualidade do leite.

A percepção do produtor depende do nível tecnológico empregado na atividade, da escala de produção e do sistema de remuneração adotada pela indústria compradora. Quanto maior a

escala, mais adequada será a tecnologia do ponto de vista da qualidade do leite com melhores instalações, equipamentos de ordenha, refrigeração e controle sanitário.

Para aqueles que resistem, e ainda continuam a produzir, a assistência técnica é um fator de grande importância, constituindo em estímulo, visto que um técnico pode auxiliar e incentivar um produtor a realizar inseminação artificial, transferência de embriões, formas alternativas de manejo de pastagem, dentre outras alternativas, que objetivam alcançar um melhor rebanho e uma maior produtividade.

Na maioria das vezes, os produtores insistem em alimentar o rebanho de forma inadequada, pois, na época da seca, um produtor possui ração para alimentar somente a metade do rebanho e deseja aumentar a produção. O correto é dar toda a ração para as vacas melhores (maior produção em litros de leite), uma vez, que se o produtor insistir em alimentar todas com pouca ração, as vacas vão continuar dando pouco leite do mesmo jeito.

Esses procedimentos são simples e podem resultar numa melhoria da produção, não implicando, necessariamente, custos elevados, porém, não raro, por falta de assistência técnica, os produtores não sabem o que fazer para aumentar a produção do rebanho.

Na Comunidade da Canoa constatamos que, dentre os entrevistados, a maioria não tem acesso à assistência técnica, embora muitos tenham revelado que, quando acontece, esta se dá de forma precária. Na tabela 24, temos informações sobre o número de produtores que recebem assistência técnica.

**Tabela 24 - Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG): condições de atendimento da assistência técnica\* dos entrevistados (%) - 2005**

<b>Freqüência de atendimento</b>	<b>N.º de entrevistados</b>	<b>%</b>
Acompanhamento periódico	03	11,5
Casos eventuais**	11	42,3
Não recebe assistência técnica	10	38,5
Mora na propriedade de favor	02	7,7
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo/fev. 2005.

Org. GOBBI, W.A. de O./2005

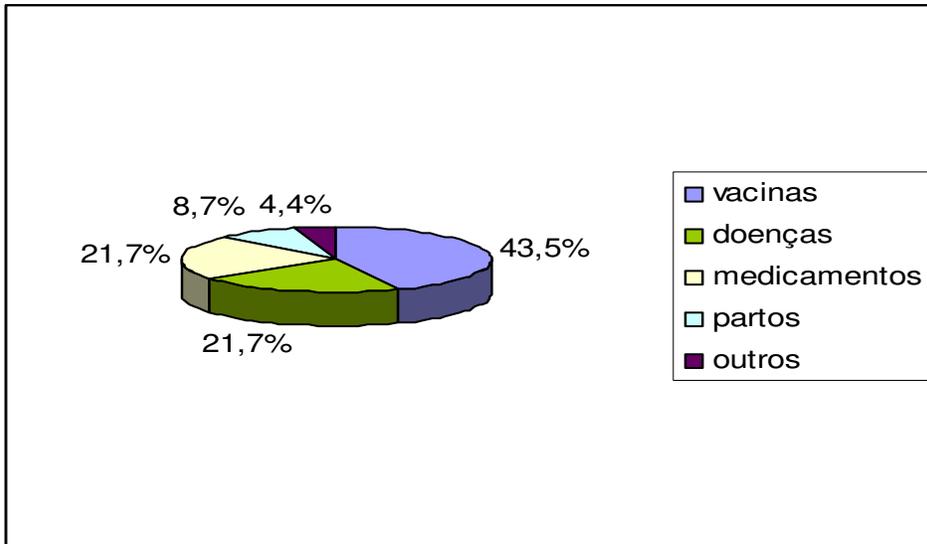
\* As equipes técnicas citadas pelos entrevistados foram a EMATER, Laticínios: Guadalupe, Canto de Minas, Coopontal e Empresas Privadas.

\*\* Consideramos “eventuais” casos em que o atendimento se dá apenas em épocas de vacinação, orienta com relação as rações na época da seca ou quando existe algum animal doente.

Verificamos que 11,5% dos produtores recebem acompanhamento periódico contra 38,5% que não recebem assistência técnica. Embora um número expressivo de produtores tenha acesso à assistência técnica, esta não se reflete em resultados relevantes, e, sim, funciona como um auxílio ao produtor em momentos em que possui um animal doente, por exemplo.

Na figura 14, temos as principais situações que levam os produtores a recorrer à assistência técnica. Na maioria dos casos (43,5%), a assistência técnica é realizada no período das vacinas, 21,7% dos entrevistados recorrem a ela, por motivo de doença no gado ou necessidade de medicamentos (21,7%), 8,7% recorrem para auxílio em partos, e 4,4% relatam outros motivos.

**Figura 14 – Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG): situações que levam o produtor a recorrer à assistência técnica (%) – 2005**



Fonte: Pesquisa de Campo/fev. 2005.

Org. GOBBI, W.A. de O./2005

De um modo geral, verificamos que não há projetos de assistência técnica voltados aos produtores de leite. Os produtores só recebem essa assistência em caso de solicitarem, não havendo um acompanhamento. Porém, no caso da Nestlé, há um projeto que visa um acompanhamento efetivo nas propriedades.

Via de regra, a assistência técnica é particular, o que é preocupante, pois os produtores, especialmente os mais descapitalizados, revelam que se sentem abandonados pelos órgãos públicos, como a EMATER, que não prestam assistência sequer a um terço dos entrevistados (informações reveladas durante as entrevistas). Uma outra fonte de assistência técnica provém dos laticínios e, por fim, alguns produtores relataram que devido à dificuldade de acesso a técnicos da EMATER, dos laticínios, da Nestlé, e, na impossibilidade de recorrer a particulares, colocam-se como os responsáveis em se auto-assistenciar.

De acordo com o 7º Interleite (2005), num momento de redefinições das normas que norteiam a produção de leite no país, a assistência técnica pode ser uma referência para que o

produtor opte por abandonar ou não a atividade. Se um grupo de produtores é assistido, pode ser motivado a trabalhar em associações de uma mesma comunidade rural, por exemplo, pois acreditamos que faltam condições materiais, para que os produtores pensem as relações sociais na sua totalidade.

A modernização das relações de produção na agricultura não é acompanhada pelo desenvolvimento das relações sociais. Esse desenvolvimento das forças sociais, que é pouco verificado dentre os produtores de leite e na sociedade em geral, poderia contribuir na resistência contra as mudanças estruturais, que vêm sendo impostas para a cadeia produtiva do leite no Brasil (7º INTERLEITE, 2005).

Sabemos que a modernização técnica, uma necessidade do capitalismo, é concreta e cada vez mais se coloca como exigência para inserção dos produtores no sistema agroindustrial do leite no país. Porém, há uma estrutura montada e acessível apenas para os produtores mais capitalizados, e não há oportunidades, principalmente para os pequenos produtores, de terem acesso às condições que possibilitariam sua continuidade na atividade.

Assim como o sistema agroindustrial do leite, a partir dos anos de 1990, reestruturou-se, a genética também avançou muito (novas técnicas de inseminação), contudo grande parte dos produtores da Comunidade da Canoa (86,9%) sequer tem acesso ao uso da inseminação artificial.

Constatamos que, entre os produtores, o manejo do rebanho se dá de forma diferenciada dos que têm acesso a uma assistência técnica efetiva. A assistência técnica, que, em primeiro lugar, deveria ser prestada por um segmento público na Comunidade da Canoa, em sua maioria, é prestada por segmento particular, é ineficiente para alcançar uma especialização na produção de leite, o que se coloca como fundamental para a continuidade do produtor na atividade.

#### 4.7 – Vivência, cultura e solidariedade entre os moradores

Na Comunidade da Canoa, nem sempre, a produção pode ser realizada com a utilização apenas da mão-de-obra do grupo familiar, particularmente no período da colheita e na confecção do silo (milho, sorgo...) utilizado no período da seca para a alimentação do gado. Em momentos de urgência, contam com a colaboração de parentes e dos vizinhos (*demão*).

A *demão* persiste e representa, para esses produtores, a capacidade de se organizar em grupo e a possibilidade de oferecer ao vizinho beneficiário a sua ajuda. Durante a pesquisa, imaginávamos que tal prática não existisse mais. Entretanto, fomos surpreendidos, pois a *demão* está presente na Comunidade da Canoa de forma significativa.

Em relação às oportunidades de lazer, há muita opção. A tradicional pamonhada (Tabela 25), todo ano no mês de fevereiro ou início de março, ocorre há oito anos na Comunidade, e a maioria dos moradores participa e gosta muito.

**Tabela 25 - Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG): participação dos entrevistados na pamonhada (%) – 2005**

<b>Participação</b>	<b>N.º de entrevistados</b>	<b>%</b>
Periódica	22	84,6
Eventual	02	7,7
Quase nunca	02	7,7
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo/fev. 2005.

Org. GOBBI, W.A. de O./2005

As etapas da confecção da pamonhada na Comunidade podem ser assim descritas. A plantação do milho para a pamonhada (Figura 15) foi realizada pelo Presidente da Comunidade, o Sr. Valmir, com a ajuda de alguns produtores. No dia da festa, todos participam na preparação do milho, inclusive, os homens (Figura 16 e 17). A pamonhada funciona como um elemento que une e que afirma a identidade entre os membros da comunidade.



**Figura 15 – Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG): plantação de milho para pamonhada**  
Autor: GOBBI, W.A. de O./fev.2005



**Figura 16 – Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG): preparo do milho**  
Autor: GOBBI, W.A. de O./fev.2005



**Figura 17 – Comunidade da Canoa (Ituiutaba/MG): confecção dos copos de palha de milho verde**

Autor: GOBBI, W.A. de O./fev.2005

O modo de fazer a pamonha, modificado ao longo do tempo, por inovações tecnológicas, em que ferramentas simples como o ralo manual, são trocadas por máquinas (trituradeira elétrica), mostra que o dinamismo das culturas pode ser considerável (Figura 18). Portanto, mudar o meio e as técnicas da confecção da pamonha não implica mudar uma cultura. Quando tais inovações significam acréscimo a sua cultura, sem a mínima possibilidade de trazer perdas, elas nem são questionadas pelos membros da comunidade.